



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

História Licenciatura

CONTEXTO HISTÓRICO NAS INTERAÇÕES MIGRATÓRIAS DE FRONTEIRA

LIANE MOISINHO FROIS CHICHOSKI

Foz do Iguaçu
2022



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

História Licenciatura

CONTEXTO HISTÓRICO NAS INTERAÇÕES MIGRATÓRIAS DE FRONTEIRA

LIANE MOISINHO FROIS CHICHOSKI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História

Orientador: Prof^a Dr^a Jorgelina Ivana Tallei

Foz do Iguaçu
2022

LIANE MOISINHO FROIS CHICHOSKI

CONTEXTO HISTÓRICO NAS INTERAÇÕES MIGRATÓRIAS DE FRONTEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof^a Dr^a Jorgelina Ivana Tallei
UNILA

Prof^a Dr^a Juliana Pirola da Conceição Balestra
UNILA

Prof^a Dr^a Ana Rita Uhle
(Sigla da Instituição)

Foz do Iguaçu, ____ de ____ de ____.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): Liane Moisinho Frois Chichoski

Curso: História Licenciatura

Tipo de Documento

(X) graduação (.....) artigo

(.....) especialização (.....) trabalho de conclusão de curso

(.....) mestrado (.....) monografia

(.....) doutorado (.....) dissertação (.....) Tese(.....) CD/DVD – obras audiovisuais]

Título do trabalho acadêmico: Contexto Hist

Nome do orientador(a): _____

Data da Defesa: _____ / _____ / _____

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública [Creative Commons Licença 3.0 Unported](#).

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

Assinatura do Responsável

Dedico este trabalho ao meu esposo
e filhas com carinho e gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus pelo dom da vida e a graça de poder vivê-la de maneira produtiva.

Agradeço ao meu esposo e filhas pelo incentivo e apoio durante a minha vida acadêmica, gratidão por apoiar as minhas buscas e por se alegrarem com as minhas conquistas.

Agradeço aos meus professores que dividiram seu conhecimento com paciência, depositando em mim e em meus colegas a esperança por um futuro melhor, mais justo e produtivo, especialmente à minha orientadora professora Jorgelina Ivana Tallei, a qual tenho profunda admiração pessoal e profissional, pela paciência e dedicação em suas orientações, mas acima de tudo pelo seu ativismo na luta pelos direitos e visibilidade dos migrantes de nossa fronteira.

Agradeço aos colegas das várias turmas pelas quais passei, pelas trocas e diálogos compartilhados, pela alegria e prazer de aprender juntos. Dentre os colegas, agradeço em especial a Maria Laura Oliveira Machado com quem compartilhei não só as alegrias e angústias acadêmicas, mas também as profissionais. Não posso deixar de agradecer a instituição - UNILA - porque foi nela que reencontrei o prazer da pesquisa e o desejo de ampliar meus conhecimentos, mas acima de tudo, onde os conceitos eurocêntricos que me paralisavam foram desconstruídos. Percebi que sendo mulher, mãe e proletária, também tenho um lugar de fala, tenho um lugar na pesquisa e que posso contribuir para uma sociedade mais igualitária.

*“Quando a educação não é libertadora,
o sonho do oprimido é ser o opressor”.*

Paulo Freire

CHICHOSKI, Liane Moisinho F. **Contexto histórico nas interações migratórias de fronteira. 2022. (FI).** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022.

RESUMO

O presente trabalho busca fazer uma análise histórica do município de Foz do Iguaçu - Paraná e identificar a influência do migrante nesta cidade de fronteira, contextualizando com os slogans “*Fronteira da Paz e Diversidade nosso patrimônio*”. Assim, o estudo busca verificar a necessidade de criação e efetivação de políticas públicas voltadas à população migrante e, acima de tudo, trata-se de um resgate histórico e geográfico do território que ocupa um lugar estratégico no coração da América Latina. A pesquisa, de cunho qualitativo, foi realizada a partir de revisão bibliográfica e a coleta foi realizada por meio de pesquisa documental na Secretaria Municipal de Educação. A pesquisa conduziu à conclusão de que na cidade de Foz do Iguaçu, os migrantes, sejam eles refugiados ou mesmo aqueles que migram por vontade própria, contam com a proteção legal da Lei do Migrante 13.445/17, o que permite a assistência aos migrantes em situação de vulnerabilidade, a adequação e aproveitamento dos estudos realizados fora do país e as garantias sociais de direitos previstas na Constituição Federal de 1988.

Palavras-chave: Migrante – Território – Fronteira – Diversidade - História.

CHICHOSKI, Liane Moisinho F. **Historical context in border migratory interactions**. 2022. (FI). Completion of course work (Graduate in History) – Federal University of Latin American Integration, Foz do Iguaçu, 2022.

SUMMARY

The present work seeks to make a historical analysis of the municipality of Foz do Iguaçu and to identify the influence of the migrant in this border city, contextualizing with the slogans "Fronteira da Paz e Diversidade our heritage". Thus, it seeks to verify the need to create and implement public policies aimed at the migrant population, above all it is a historical and geographical rescue of the territory that occupies a strategic place in the heart of Latin America. The qualitative research was carried out from a bibliographic review and the collection was carried out through documentary research at the Municipal Department of Education. The research led to the conclusion that in the city of Foz do Iguaçu, migrants, be they refugees or even those who migrate of their own volition, have the legal protection of the Migrant Law 13.445/17, which allows assistance to migrants in situations of vulnerability, the adequacy and use of studies carried out outside the country and the social guarantees of rights provided for in the Federal Constitution of 1988.

Keywords: Migrant - Territory- Border- Diversity- History.

CHICHOSKI, Liane Moisinho F. **Contexto histórico en las interacciones migratorias fronterizas**. 2022. (Florida). Finalización del trabajo de curso (Graduado en Historia) – Universidad Federal de la Integración Latinoamericana, Foz do Iguaçu, 2022.

RESUMEN

El presente trabajo busca hacer un análisis histórico del municipio de Foz do Iguaçu e identificar la influencia del migrante en esta ciudad fronteriza, contextualizando con las consignas "Fronreira da Paz e Diversidade nuestro patrimonio". Así, busca constatar la necesidad de crear e implementar políticas públicas dirigidas a la población migrante, sobre todo es un rescate histórico y geográfico del territorio que ocupa un lugar estratégico en el corazón de América Latina. La investigación cualitativa se realizó a partir de una revisión bibliográfica y la recolección se realizó a través de una investigación documental en la Secretaría Municipal de Educación. La investigación llevó a la conclusión de que en la ciudad de Foz do Iguaçu, los migrantes, ya sean refugiados o incluso aquellos que migran por su propia voluntad, tienen la protección legal de la Ley de Migración 13.445/17, que permite la asistencia a migrantes en situaciones de vulnerabilidad, la adecuación y aprovechamiento de los estudios realizados fuera del país y las garantías sociales de los derechos previstas en la Constitución Federal de 1988.

Palabras clave: Migrante - Territorio - Frontera - Diversidad - Historia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. FRONTEIRA E TERRITÓRIO.....	14
2. FOZ DO IGUAÇU E SUA HISTÓRIA.....	17
2.1 UMA CIDADE DIVERSA.....	20
2.2 FOZ: CIDADE DE MIGRANTES	23
3. DIVERSIDADE COMO PATRIMÔNIO PELO OLHAR DE MIGRANTES.....	27
3.1 AÇÕES VOLTADAS AOS ALUNOS MIGRANTES NO ENSINO FUNDAMENTAL I: LEVANTAMENTO DE ALUNOS MIGRANTES, FLUXOGRAMA E PROTOCOLO DE ATENDIMENTO	29
3.1.1 PROJETO “PEDAGOGIA DE FRONTEIRA”	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36

INTRODUÇÃO

Este estudo busca compreender através de uma pesquisa de campo, somada a pesquisa bibliográfica, documental e coleta de dados, como as escolas da cidade de Foz do Iguaçu enfrentam as diferenças de linguagem e culturas dos migrantes. Para isso, busca definir o conceito de fronteira e estabelecer referenciais teóricos que embasam a compreensão dos significados deste conceito.

Ao identificar as problemáticas pedagógicas que envolvem as escolas da tríplice fronteira, identifica-se uma perspectiva de que todos os alunos migrantes são tratados da mesma maneira, que o currículo e as práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas enquanto intervenção pedagógica possibilitam a contribuição na formação escolar. Neste aspecto, o estudo busca mostrar os desafios que os migrantes enfrentam, principalmente de diferentes países das América Latina, diferenciando a necessidade de assistencialismo e a criação de políticas públicas consistentes para atender os fluxos migratórios, respeitando, acima de tudo, os Direitos Humanos.

O método de pesquisa adotado foi revisão teórica da história da formação do território que constituiu o município, análise de ações pedagógicas desenvolvidas pela SMED (Secretaria Municipal de Educação) em parceria com a UNILA e entrevistas para contextualizar a realidade social de migrantes em Foz do Iguaçu, apresentando entrevistas com pessoas migrantes que vivenciam o cotidiano e fazem parte da história deste território.

A imigração é um fator que afeta as escolas de Foz do Iguaçu, pois a cidade recebe muitos estudantes de outros países, principalmente Latino Americano, e de outros continentes, isso se torna um problema a ser estudado a partir do momento em que se considera a escola enquanto um espaço integrador que não é, necessariamente, preparado para enfrentar esta problemática.

Existem aspectos sociais, culturais, étnicos e de linguagem que atuam como elementos que dificultam a socialização destes estudantes, exigindo que as práticas pedagógicas sejam adequadas ao atendimento dos alunos migrantes .

A tríplice fronteira formada por Foz do Iguaçu, no Brasil; Puerto Iguazú, na Argentina; e Ciudad Del Este, no Paraguai, é um polo que atrai alto número de migrantes. Ademais, segundo a Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu, somente a cidade de Foz do Iguaçu registra a presença de mais de setenta etnias dos mais

diferentes lugares do mundo (PMFI, 2020), o que indica a presença de muitas línguas, diferentes culturas religiosas, gastronômicas, artísticas e sociais. Isso demonstra a necessidade de se investigar a inserção social daqueles que adentram a fronteira com o objetivo de fixar residência, adquirir conhecimento ou buscar ascensão econômica.

Essa constatação é a principal motivação para a realização desta pesquisa, que tem como objetivo realizar uma análise histórica de ocupação do município e os ciclos migratórios existentes desde o período pré-colonial até a contemporaneidade, assim como os espaços construídos e ocupados pelos migrantes de diversas etnias, contrapondo com o *slogan's* “Foz fronteira da paz” e “Diversidade, nosso patrimônio”.

Uma das ações desenvolvidas pela UNILA em parceria com a SMED consiste em um projeto para formação de professores, que iniciou em 2016 e busca desenvolver formas metodológicas de acolhimento ao aluno migrante. Como profissional atuante na equipe SMED, esta pesquisadora tem participação no projeto desde 2018, como coordenadora pedagógica.

À medida que as ações foram se desenvolvendo, observou-se a complexidade das relações de fronteira, sendo necessário fazer a reflexão do processo histórico de desenvolvimento do município e identificar o lugar do migrante na “fronteira trinacional”, bem como a definição de fronteira.

A pesquisa foi dividida em três capítulos, além da introdução e considerações finais. No primeiro capítulo serão tratados os conceitos de Fronteira e Migração, contextualizados com o território local.

O segundo capítulo traz uma abordagem histórica da formação do município de Foz do Iguaçu, desde os tratados entre as coroas ibéricas de Espanha e Portugal; passando pelo desenvolvimento do município a partir a implementação da colônia militar do Iguaçu; até a emancipação da vila de Guarapuava, tornando-se município de Foz do Iguaçu. Também tratará da contribuição dos migrantes que vivem e constroem o cotidiano do município.

O terceiro capítulo foi pensado objetivando a pluralização de vozes, bem como narrar um pouco da história vista de baixo¹, ou seja, buscando resgatar as concepções das classes populares. O capítulo três também discorrerá sobre o

¹ Baseia-se em uma corrente historiográfica desenvolvida por Thompson, que foi historiador marxista.

projeto "Pedagogia de Fronteira".

1. FRONTEIRA E TERRITÓRIO

Iniciamos a reflexão deste capítulo abordando os conceitos de fronteira e território. Para Vargas (2017, p.35), fronteira em seu sentido jurídico-político representa o limite entre dois Estados. É ela que determina a área territorial precisa de um dado Estado, dando coesão e unidade à sua base física. Por sua vez, Vargas (2017) define que fronteira é uma zona que permeia o limite, no caso os limites do Brasil são definidos pelos rios Iguaçu e Paraná, mas a zona de fronteira compreende uma zona de até 100 km após os limites.

Fronteira é uma criação humana para delimitar espaços e a definição a que estamos submetidos é de influência europeia, uma vez que a noção de fronteira para os guaranis não existia. A fronteira do Brasil com Paraguai e Argentina é político-jurídico, porque determina os limites desses Estados, demonstrando a soberania de cada país. Entretanto, temos um *inter-lugar*, a faixa de fronteira e, sobre isso, muitas pessoas relatam que por terem nascido ou residido na faixa de fronteira não são consideradas por seus pares como nacionais.

A fronteira, enquanto limite, caracteriza-se como a linha que divide ou delimita, separando um país ou de território de outro(s). Região que está ao lado ou próxima desse limite, a epistemologia da palavra é do francês *frontière*.

A delimitação da fronteira e a fundação da Colônia Militar tinham por objetivo estipular uma barreira, impedindo a atuação dos países vizinhos, através das *obrages*. Entretanto, nesse território havia multiculturalidade e múltipla nacionalidade ainda não totalmente delimitada. Para Rogério Haesbaert (2004), em termos políticos, território tem o significado de apropriar através de indivíduo ou coletividade uma parcela geográfica, essa apropriação se consolida pelas relações de poder vinculadas com o Estado. Dessa forma, território nasce com sentido material e simbólico, significando, portanto, em determinados momentos uma dominação jurídico-política da terra inspirando medo e terror, ou a identificação (positiva) a efetiva “apropriação” concedida àqueles que podem usufruí-la, como era o caso do município naquele período. O Brasil demarcou os limites territoriais e concedeu o uso aos pioneiros que receberam doações de lotes de terra da Colônia que mais tarde se tornaria município.

O modo de viver na fronteira é dinâmico e se diferencia de outras regiões do país, as relações ocorrem de forma dinâmica e para os moradores da fronteira os

limites são, muitas vezes, simbólicos, uma vez que se desenvolvem aspectos tanto profissionais quanto pessoais entre os três países. Um exemplo são o que chamamos de sujeitos transfronteiriços, por exemplo, que residem no Paraguai mas estudam e trabalham no Brasil ou vice-versa. Dessa forma, a ideia de fronteira é mais marcante no turista que tem as definições dos limites territoriais dos Estados bem definidas. Logo,

Fronteiras como espaços geográficos que se diferenciam das outras regiões de um Estado-Nação justamente por conta dos intercâmbios internacionais e redefinições cotidianas, por meio dos fluxos de mercadorias, recursos financeiros e tantos outros que, conforme esses Estados interagem, trazem impactos negativos ou positivos (CHICHOSKI, 2019, p.21).

Embora o território tenha sido delimitado, as relações de fronteiras, somadas ao fluxo migratório internacional e nacional, resultam nas múltiplas territorialidades existentes em nosso município e em toda a região da tríplice fronteira.

Saquet (2009) conceitua através de um processo de relações sociais, tanto políticas como culturais, a noção de territorialidade de um indivíduo ou de um grupo social. Para o autor,

A territorialidade corresponde às relações sociais e às atividades diárias que os homens têm com sua natureza exterior. É o resultado do processo de produção de cada território, sendo fundamental para a construção da identidade e para a reorganização da vida cotidiana (SAQUET, 2009, p. 6).

A migração é paralela à existência humana, tanto que a África é o berço da humanidade, a humanidade nasce no continente africano e migra para os demais continentes, tal qual uma miríade, como se transformou a migração.

Foz do Iguaçu está localizada em um ponto geográfico estratégico desde a antiguidade, antes da chegada dos europeus. O caminho Peabiru era composto por troncos, ou caminhos, e um de seus troncos passava pela região. Peabiru (etimologia tupi, “pe” significa caminho e “abiru” gramado amassado) era uma rota utilizada pelos povos originários que ligava o oceano Atlântico ao Pacífico, ou seja, era uma rota transoceânica pela qual os povos originários da floresta se comunicavam, migravam, trocavam mercadorias e se relacionavam, inclusive com os povos andinos.

Segundo Correa (2010), os Peabirus são antigos caminhos utilizados pelos indígenas sul-americanos desde muito antes do descobrimento pelos europeus, ligando o litoral ao interior do continente. A dissertação de Correa apresenta um

apanhado de relatos históricos sobre o conhecimento e a utilização do Peabiru pelos exploradores europeus, bem como reitera implicitamente a posição estratégica de Foz do Iguaçu, conforme o trecho em que discorre sobre passagem de Cabeza de Vaca:

Cabeza de Vaca acompanhou um de seus troços (sic), tendo descoberto, em 1542, as Cataratas de Iguaçu. Na mesma época, em 1553, o caminho foi também percorrido pelo aventureiro Ulrich Schmidel. Os jesuítas batizaram esse caminho de Caminho de São Tomé, tendo-o utilizado nas suas atividades de evangelização e aldeamento de indígenas, na região do rio Paraná, ainda em meados do século XVI. No século XVII, bandeirantes paulistas como Antônio Raposo Tavares trilharam essa via para atacar as missões jesuíticas (CORREA,2010,p.18).

Essa posição estratégica foi rota Peabiru e continua sendo rota de muitos povos migratórios, por exemplo: venezuelanos, bolivianos, árabes, chineses, etc., que buscam entrar no Brasil e em outros países da América Latina e utilizam Foz do Iguaçu como porta de entrada. A tríplice fronteira é uma região que vislumbra diversas oportunidades, como: comércio, qualidade de vida e, até mesmo, contravenção.

Como veremos no próximo capítulo, em Foz do Iguaçu é pujante a influência econômica frente às relações sociais, nas entrevistas realizadas foi relatada a diferença de um migrante vindo de outro continente e dos latinos. A posse de capital favorece estabelecimento e adaptação do migrante, seja por parte de seus pares, seja por parte de prestadores de serviço. No entanto, se o migrante é latino-americano ou refugiado desprovido de bens, acaba por esbarrar em barreiras burocráticas, falta de auxílio, falta de informação e acaba compondo a massa de segregados da tríplice fronteira, o que estabelece fronteiras sociais e territorialidades múltiplas.

2. FOZ DO IGUAÇU E SUA HISTÓRIA

Foz do Iguaçu é uma cidade relativamente nova, tendo 108 anos de emancipação política. Mesmo estando localizada em uma posição estratégica, ficou por muito tempo “esquecida” pelo governo Brasileiro.

Quando os europeus dividiram a América através do Tratado de Tordesilhas, essa região pertencia ao reino Espanhol e era parte da província Del Guairá, que compunha a capitania de Asuncion. Sendo este território espanhol, aqui foi fundada, em 1628, a redução jesuítica de Santa Maria, tal qual comprovado por documentos históricos da época.

Entretanto, os confrontos territoriais entre os reinos de Espanha e Portugal dissipados pelos bandeirantes (portugueses), levaram os dois reinos a firmarem novos acordos territoriais, como o Tratado de Madri e, posteriormente, o Tratado de Santo Ildefonso, em 1777, este com limites fixos e definitivos. Pelo tratado, as fronteiras foram definidas pelos rios Uruguai (Goyo-En) e Paraná, e um trecho do Rio Iguaçu.

A divisão territorial entre os reinos Ibéricos gerou e gera um equívoco por parcela da população que acredita que Foz do Iguaçu tenha pertencido ao território do país vizinho, Paraguai, e que só se integrou ao território brasileiro após a Guerra da Tríplice Aliança, ou Guerra do Paraguai, como é mais comumente conhecida. O historiador e professor Micael Alvino da Silva relata, em seu livro “Breve História de Foz do Iguaçu”, uma experiência de seu estágio de observação, em que a professora do ensino fundamental explicava exatamente isso aos seus alunos, dizendo que o todo o atual território de Foz do Iguaçu pertencia ao Paraguai e foi incorporado no pós-guerra (Silva, 2014, p.20). No entanto, o território em questão é onde atualmente se encontra a província de Misiones - Argentina, da qual nossa cidade vizinha, Puerto Iguassu, faz parte, talvez seja esse o equívoco.

O primeiro registro europeu sobre a região está nos apontamentos de viagem de Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca, que se dirigia a Assunção conforme relato,

(...) ao descer o rio chamado Iguaçu, a correnteza era tão grande que canoas corriam com muita fúria; por causa disso, muito próximo de onde se embarcou, o rio dava um salto por um despenhadeiro altíssimo e a queda-d'água tinha um baque tão forte que de longe se ouvia; como a espuma caía com muita força, espirrava e subia alto (MARKUN, 2009, p. 157).

Essa descrição feita por Cabeza de Vaca, conforme descreve Markun (2009), lhe rendeu o título de “descobridor” das Cataratas, porém, com a descolonização do poder e do saber descritos por Quijano (2000), temos a ciência que este só passou pela região onde obteve o auxílio dos povos guaranis para transpor as quedas, bem como para orientá-lo no caminho para Assunção.

O governo imperial brasileiro tinha conhecimento do abandono da região e de sua importância estratégica, mas os embates políticos da monarquia *versus* militares retardaram o projeto de instalação da Colônia Militar em Foz do Iguaçu. Somente em 22 de novembro de 1889, início da república, é que foi instaurada a Colônia Militar.

A expedição partiu de Guarapuava com a missão de “descobrir” a foz do rio Iguaçu e tinha José Maria de Brito como responsável por registrar a campanha. José Maria de Brito (2005, p. 57) registrou mais tarde essas memórias em um livro que serviu para muitos outros pesquisadores:

Por ocasião da descoberta da foz do Iguaçu o território brasileiro já era habitado. Existiam no mesmo 324 almas, assim descritas: brasileiros, 9; franceses, 5; espanhóis, 2; argentinos, 95; paraguaios, 212; inglês, 1 (BRITO, 2005, p. 57).

Era uma região de difícil acesso por não haver caminhos terrestres que ligassem a fronteira com o restante do território brasileiro, restando somente a rota fluvial dominada pelos vapores argentinos que, devido a um acordo entre os países, tinham licença para navegar desde a foz do Iguaçu até as Sete Quedas.

O acesso fluvial facilitou a exploração da região no processo das *obrages* – sistema que consistia na extração de madeira nativa e cultivo de erva-mate, empresas como Laranjeiras, Britânia e Mendes utilizavam a mão de obra dos guaranis modernos cujas condições de trabalho eram precárias, sendo análogas à escravidão.

No registro da expedição, as populações indígenas da fronteira não foram relacionadas devido ao programa político colonialista da época que negava a territorialidade indígena. Existem registros de passagem de caingangues e territorialidade guarani na região.

Os povos indígenas do iguaçu passaram pelos dilemas ora das missões jesuíticas, ora do bandeirantes e, posteriormente, da colonização militar e civil. Assim,

O olhar ocidental não conseguiu reconhecer como parte de uma territorialidade Guarani os espaços descontínuos de um vasto território. Os espaços entre uma aldeia e outra foram vistos como vazios, ou uma “terra de ninguém” como se diz na linguagem popular, mas nunca percebidos como uma forma de composição da territorialidade Guarani. (PARMIGIANI, 2015, p. 145).

A Colônia se tornou povoamento civil em 1912, passados dois anos, em 1914, no dia 14 de março, foi criado o Município de Vila Iguassú, através da lei nº. 1383, mas o mesmo só foi instalado no dia 10 de junho do mesmo ano.

Após a emancipação, a fronteira continuou sendo um lugar de múltipla nacionalidade, conforme depoimento de Ottília Schemmelfeng sobre a festa de centenário da independência, em setembro de 1922, registrado em seu livro de memórias.

Não faltava a presença de argentinos, paraguaios, alemães, italianos, enfim, gente de toda a nacionalidade que constituía o povo de Foz do Iguaçu, os quais confraternizaram com os brasileiros na exaltação da magna data nacional, como se irrompesse neles o mesmo sentimento cívico que devotavam a sua respectiva terra natal (SCHIMMELPFENG, 1970, p.60).

A fronteira continuou sendo considerada desnacionalizada até a década de 1930, apenas depois da revolução de 1924 que o Brasil realmente lançou seu olhar para o oeste do Paraná. Os revolucionários dividiram opiniões na cidade, enquanto a elite ligada a Jorge Schemmelfeng busca refúgio do outro lado da fronteira, outros moradores dizem que eles libertaram os *mensus* (indígenas chamados de novos guaranis) da escravidão nas obrages. Lima (2001, p. 51), em sua obra “Foz do Iguaçu e sua História”, registra a passagem dos revolucionários como heróis, “(...) tenente João Cabanas, homem de grande valor, que acabou com as “obrages” e o sistema escravocrata que existia na região.

Na sequência, vejamos os dois relatos de pessoas que vivenciaram a passagem dos revolucionários. O primeiro é de Ottília Schemmelfeng, presente no livro “Retrospectos Iguazuenses”:

Em setembro de 1924, deu-se a invasão da coluna de revolucionários, comandada por Izidoro Dias Lopes, que ocupou a cidade durante sete meses (...). E Foz do Iguaçu sofrendo o êxodo de sua população e em estado de confinamento total, parou, registrando apenas a fase histórica que se constituiu em trágicos episódios (SCHEMMELPFENG, 1970, p.31).

O segundo é de Marieta Schinke, em entrevista publicada no jornal “Nosso Tempo”, em 14/01/1981:

Eram gente muito boa. Só pra dar um exemplo: um oficial da Coluna Prestes foi à Argentina e quando nos viu cozinhando e nos abrigando em casebres de palha, pediu que voltássemos a Foz do Iguaçu que eles nos dariam proteção (SCHINKE, apud SILVA, 2014, p.46).

A divergência de opiniões das pioneiras Otilia e Marieta sobre a Coluna se dá justamente pelo fato dos ideais da revolução, que combatiam a exploração e o coronelismo realizado por Jorge Schemmelpfeng e seus aliados.

Quando Getúlio Vargas assume o governo do Brasil, implanta a marcha para o oeste², um programa de governo que tinha por objetivo incentivar a vinda de agricultores, principalmente do sul do país, para a região. Embora esse governo tenha incentivado a migração para o oeste, nem todos os imigrantes contavam com o apoio do governo devido aos desfechos da Segunda Guerra Mundial. Os imigrantes alemães e italianos sentiram os efeitos da guerra tendo que deixar a fronteira, sendo obrigados a mudar para Guarapuava. A Lei da Fronteira foi decretada em 1942 e, a partir da entrada do Brasil na Segunda Guerra, imigrantes dos países do Eixo - Alemanha, Itália e Japão - ficaram na mira da repressão brasileira. (PARO, 2016, p.155).

2.1 Uma cidade diversa

O jargão: “Foz do Iguaçu, fronteira da Paz e Diversidade nosso patrimônio” são concretos ou parte de um discurso?

Para Nara Oliveira (2012),

A sentença - inúmeras culturas convivendo em paz- é recorrente nos discursos veiculados na mídia local oferecendo a população a ideia de que se trata de um fato consolidado, dificultando a percepção de que este é um cenário em permanente construção (OLIVEIRA, 2012, p. 54) .

O jornalista Fábio Campana (2005, p.17), na apresentação do livro “Descoberta de Foz do Iguaçu e fundação da Colônia Militar”, relata:

O encontro das águas dos rios Paraná e Iguaçu no coração da América delimita fronteiras. Separa países. Ao mesmo tempo aproxima povos em uma sociedade singular na qual convivem mais de setenta etnias.

² A marcha para oeste do governo Vargas foi um marco na ocupação do território e o fim dos grandes latifúndios das companhias de erva-mate, nesse período, é impulsionada a migração do Rio Grande do Sul e Santa Catarina para a região oeste. Nesse período foi também criado o Governo do Iguaçu que Vargas tinha como pretensão de ser mais uma unidade federativa do Brasil.

(CAMPANA, 2005, p. 17, apud BRITO, 2005, p.17).

Os seres humanos que migram para Foz do Iguaçu não buscam somente as belezas naturais das Cataratas, mas também um lugar com oportunidade de trabalho e respeito étnico-racial, que possibilite condições dignas de vida.

Percebe-se que o discurso difundido por instituições voltadas ao turismo, como páginas de hotéis e sites de agências de viagem, divulgam o município como multicultural, cosmopolita, cidade da diversidade e fronteira da paz, baseados em uma perspectiva romantizada e superficial que foi incorporada pela população do município que tem orgulho em dizer que a diversidade étnica e cultural é o maior diferencial da cidade. Esse discurso ganhou força devido ao fato da maior parte da população ser migrante, se nascidas aqui são filhas e netas de migrantes. Isso se dá uma vez que a diversidade começa no seio das famílias e é comum essas serem formadas por pessoas de nacionalidades e estados diferentes.

Muitas famílias são fruto da relação intercultural entre brasileiros e paraguaios, árabes e brasileiros ou paraguaios, nordestinos e gaúchos, etc., costurando esse mosaico intercultural.

O jornalista Fábio Campana (2005, p.15), natural de Foz, relata:

Minha primeira língua foi o espanhol. Idioma do afeto. Das relações no universo doméstico (...). havia outra língua. Minha vó Vicenta e sua mãe, a bisavó Isabel, falavam entre elas puro guarani. Meu pai, Dionísio Campana, não falava e não admitia que se dirigissem a ele em outro idioma que não fosse o português (BRITO, M. José, p.15, 2005).

Com o advento do turismo, criou-se uma história oficial voltada a este setor da economia. Alguns moradores de Foz, como a senhora Ottília Schimmelpfeng, uma das primeiras professoras do Colégio Bartolomeu Mitre e filha do primeiro prefeito, Jorge Schimmelpfeng; o ex-prefeito Perci Lima; e o senhor José Maria de Brito, sargento da expedição responsável por fundar a Colônia Militar, registraram suas memórias, que são importantes fontes para história de Foz. Essas memórias foram apropriadas pelo turismo como sendo a história de Foz do Iguaçu, o que é um equívoco, pois a memória faz parte da história como importante, mas não pode ser confundida com a História como ciência.

Existe uma relação dialética entre História e memória: a memória tende a ser mais seletiva, envolta em emoção e ideologias, enquanto que a História precisa de análise crítica das fontes, utilizando teorias e métodos para entender como as fontes

foram criadas. Jacques Le Goff (1984) faz a distinção de memória e história: memória (essencialmente mítica, deformada, anacrônica, constituindo “o vivido”) devendo aos historiadores “esclarecer” e retificar a primeira (LE GOFF, 1984, p.166, apud MATOS, 2014, p.03).

Na história de Foz do Iguaçu, observa-se uma certa disputa de memória entre pioneiros e Itaipu, mas ambos deixam na parte periférica de suas narrativas os povos originários. Embora o ensino de História tenha passado por mudanças ao longo do tempo, principalmente a partir da década 1980, podemos observar na sociedade iguaçuense a presença de resquícios do ensino da história “oficial”, ou seja, uma história fragmentada e unilateral, que se difunde com dimensão de um todo. No entanto, como descreve Fonseca (1994),

A “história oficial” consegue excluir, silenciar, ocultar os outros projetos e ações, mas não consegue eliminá-los da memória coletiva. As instituições e o próprio ensino de história não apenas ratificam, confirmam e impõem a memória e os valores dominantes (FONSECA, 1994, p.70 apud AMOP, 2020, p. 433).

Segundo a Associação dos Municípios do Oeste do Paraná - AMOP - o ensino de história deve superar a abordagem “oficial” e romper com os limites hegemônicos. O ensino de história deve ponderar as relações sociais para que o aluno se identifique como ser histórico que por meio do trabalho produz a existência, essas ações transformam o meio e se transformam com o tempo.

Entretanto, a repercussão da história “oficial” coloca os alunos migrantes e seus familiares muitas vezes à margem da sociedade, principalmente quando esses migrantes são menos favorecidos economicamente. Considerando a história da cidade e a questão do patrimônio imaterial e cultural, faz-se necessária a implementação de políticas públicas voltadas ao acolhimento e integração de migrantes e refugiados, pois:

É preciso considerar os limites deste discurso historiográfico homogeneizador, do controle social exercido pelo Estado e dos seus instrumentos, no caso, os programas de ensino. É preciso considerar também as tensões internas vividas pelas escolas, e o fato de que a aprendizagem e a formação da consciência histórica não se dão apenas nestas instituições, mas no conjunto social (AMOP, 2020, p.431).

Ao nos aproximarmos da realidade dos migrantes, refugiados e

transfronteiriços³, nos questionamos sobre a fronteira ser realmente um lugar de paz. As dificuldades enfrentadas por essa população, principalmente os migrantes, internacionais são diversas.

Foz do Iguaçu tem ares de cidade cosmopolita, porém, é uma cidade do interior. São fortes os traços da colonização européia no desenvolvimento do município, como podemos observar em sua história, cercada de traços da historiografia positivista. A ocupação do território pela Colônia Militar, desconsiderando os povos originários que ocupavam a região desde os primórdios, bem como os outros povos que aqui estavam, foi a exemplificação da Colonialidade do Poder descrita por Quijano (2007, p. 121):

(...) reprimiram tanto como puderam, ou seja, em variáveis medidas de acordo com os casos, as formas de produção de conhecimento dos colonizados, seus padrões de produção de sentidos, seu universo simbólico, seus padrões de expressão e de objetivação da subjetividade (QUIJANO, 2007, p.121).

Para compreender e estudar melhor a questão dos migrantes e refugiados no município, no próximo item percorremos a história do município (recorte de 1542 a 2021), contextualizando a Diversidade e Interculturalidade da realidade iguaçuense e sua relação com o patrimônio Cultural e Imaterial através das narrativas (história oral) de migrantes para, então, debater a criação do setor Municipal de atendimento a essa parcela da população.

2.2 Foz: cidade de migrantes

Foz do Iguaçu surge através da migração, os reflexos desse movimento migratório são levantados por historiadores como Ruy Cristovam Wachowicz. De acordo com depoimentos documentados por historiadores como Wachowicz (1982), de Catanduvás a Foz do Iguaçu a língua dominante era o espanhol e a moeda era o peso argentino.

Wachowicz (1982) utilizou relatos de viajantes como fonte histórica e em um desses relatos o viajante conta que, ao perguntar a nacionalidade de uma senhora comerciante da cidade, obteve a seguinte resposta: “Soy brasileña, gracias a Díos.”

³ Refugiado: pessoa que deixa seu país, seu lugar de origem por risco ou temor.

Migrantes: pessoas que se deslocam tanto na entrada como saída de países, cidades ou regiões.
Apátridas: pessoas que não possuem pátria oficialmente.

O registro deixa claro a influência e a contribuição da população migrante na formação do município, tanto nas atividades sociais e comerciais, quanto no idioma.

Otília Schimmelpfeng, filha de Jorge Schimmelpfengue, relata para o autor que era somente através dos vapores argentinos que a população iguaçuense tinha contato com a “civilização”:

A gente ia a bordo para servir-se de bebidas geladas, refrescos, cerveja, comprar guloseimas, caixas de bolacha, vidros e frascos de balas (caramelos como a gente dizia), revistas. (...) (SHIMMELPFENG, 1991).

O primeiro governante a tomar medidas de nacionalização do território foi o General Mario Tourinho, interventor do Paraná na década de 1930. Entre as medidas expedidas através da prefeitura do município estavam:

- 1- Somente despachar os documentos que entrassem na prefeitura municipal escritos em português;
- 2- pagamentos de taxas e impostos em moeda brasileira;
- 3- só seriam permitidos anúncios comerciais em português.

Por muito tempo, a região do Porto Meira teve suas fachadas comerciais escritas em espanhol, devido a proximidade com Puerto Iguassu, mas, principalmente, pelas relações comerciais desenvolvidas no bairro, por muito tempo o abastecimento de mercadorias era proveniente da Argentina.

Entretanto, o maior desenvolvimento da região vem a ocorrer no governo militar, a partir da década de 1960, com a construção da ponte da Amizade, da usina de Itaipu e, posteriormente, da ponte da Fraternidade. Ambas construções tem por objetivo a integração dos países latino-americanos.

A Ponte da Amizade foi inaugurada em 27 de março de 1965, nas proximidades da ponte surge o bairro Vila Portes, fundado pelo “pioneiro” Antonio Portes. A autora Denise Paro na obra “Foz do Iguaçu do descaminho aos Novos Caminhos” relata a influência da marcha migratória de brasileiros para o Paraguai como a força propulsora do desenvolvimento desse bairro. O Paraguai havia sido devastado pela guerra, os brasileiros, na maioria vindos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina (reflexos da marcha para oeste), precisavam de materiais de construção e alimentos, estes recursos eram encontrados no bairro que, devido a proximidade com a ponte, facilitava o traslado.

Em 1973 começa o desenvolvimento do canteiro de obras da usina, que

causou os maiores impactos de transformação na esfera social e geográfica da fronteira do município e região, mudou não só os aspectos físicos e naturais, como também a estrutura, a rotina e o modo de vida da população.

O historiador Luiz Eduardo Pena Catta realiza um estudo aprofundado sobre os impactos da obra para o município, desde a explosão populacional, a falta de estrutura, ao desenvolvimento da violência e, também, da forma como se acirrou a formação das fronteiras sociais em nosso município.

Como mencionado, o município não possuía infraestrutura para abrigar o contingente humano que migrou para a fronteira, eram pessoas de diversos municípios, de diversos estados do Brasil e do Paraguai.

Para abrigar tamanho contingente, foram construídas as vilas de Itaipu, Vila A, Vila B e Vila C. A primeira era destinada aos funcionários de nível técnico; a Vila B para executivos e engenheiros; e a Vila C para os operários responsáveis pela mão de obra.

A autora Denise Paro (2016) define bem os efeitos da construção da usina de Itaipu: a gigante do emprego e desemprego, a autora entrevista Fátima Dal Magro, ex-funcionária de Itaipu, que relata: “ - A cidade de Foz do Iguaçu não existia para nós. Aquele mundo (de Itaipu) era particular. Construíram mercados, colégio, hospital. Era muito elitizado e os grupos eram bem separados” (PARO, 2016, p.79 e 80).

Os efeitos da barragem também refletem sobre a vida dos moradores mais antigos, ocorre uma super inflação dos aluguéis, as construções são remodeladas, o que a médio e longo prazo causam um prejuízo ao patrimônio histórico da cidade. Foz do Iguaçu é uma cidade onde existem pouquíssimas arquiteturas da época de 1889 à 1973, como as casas “trigêmeas” da avenida Brasil, o prédio do antigo Fórum (atual Fundação Cultural), casa do Herry Shinke.

Como relatado pela senhora Fátima em entrevista a Denise Paro, existia uma separação clara de classe social que envolvia o grande empreendimento. Um dos maiores legados do governo militar com as obras tanto da ponte da Amizade quanto de Itaipu foi a institucionalização da segregação social. A partir desse momento, intensificam-se as fronteiras sociais e as territorialidades na tríplice fronteira.

A construção de Itaipu foi a maior explosão populacional na história do município, mas a migração é permanente na fronteira. O município com 108 anos possui poucos dados estatísticos sobre a situação de migrantes, refugiados e

transfronteiriços. A partir de 2016, começou a ter um olhar mais voltado para esse público, iniciando a implementação de protocolos de atendimento, primeiro via assistência social, depois na educação em parceria com a Unila, entre outros.

Percebe-se uma preocupação, mas ainda pesa a característica de assistencialismo e, dessa forma, as relações migratórias necessitam da implementação de políticas públicas. Ao desenvolvermos o protocolo de atendimento ao aluno migrante, os projetos pilotos de Espanhol e Inglês, o levantamento de dados dos alunos “estrangeiros”, esbarramos, muitas vezes, na procrastinação de atores envolvidos no processo de implementação. Destacamos, aqui, o projeto de Formação continuada para os professores, desenvolvido pela professora Jorgelina, orientadora dessa pesquisa, em parceria com a SMED, o projeto visa a capacitação dos docentes quanto ao acolhimento de alunos migrantes, refugiados e transfronteiriços, conforme citado anteriormente.

Apesar de todo o trabalho realizado, ainda presenciamos alunos encaminhados para avaliação psicoeducacional devido ao idioma; outros que por não compreenderem o português são fadados a reprovação, ficam à margem da educação, sendo repelidos por professores em vários níveis de aprendizado (do infantil ao médio). Mesmo a Unila que, com toda a política e metodologia desenvolvida para integração Latino-americana, tem como principal ferramenta do estudante o SIGAA todo em português. No próximo capítulo abordaremos mais especificamente a questão da diversidade como patrimônio.

3. DIVERSIDADE COMO PATRIMÔNIO PELO OLHAR DE MIGRANTES

Quando se fala de diversidade como patrimônio, precisamos entender o que isto significa. Para Cecília Londres, membro do Comitê Intergovernamental do Patrimônio Imaterial (2006-2008) e do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural (2004-),

Patrimônio é tudo o que criamos, valorizamos e queremos preservar: são os monumentos e obras de arte, e também as festas, músicas e danças, os folguedos e as comidas, os saberes, fazeres e falares. Tudo enfim que produzimos com as mãos, as ideias e a fantasia (Cecília Londres - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan, p.5, 2012).

Quando o município divulga esse slogan – Cidade da Diversidade ou Diversidade Nosso Patrimônio – na promoção do turismo, faz-se necessário um trabalho de conscientização e divulgação desse patrimônio entre a população. Para tal, é necessário a divulgação e valorização de todas as culturas presentes no município. Um evento que proporcionava essa valorização era a FENARTEC - Feira das Nações, artesanato turismo e cultura, que era anual.

A cultura e a memória são elementos que fazem com que as pessoas se identifiquem umas com as outras, ou seja, reconheçam que têm e partilham vários traços em comum. Nesse sentido, pode-se falar da identidade cultural de um grupo social (IPHAN), p.9-10, 2012).

Foz do Iguaçu apresenta um contexto histórico de descontinuidade de ações públicas quando essas apresentam resultados positivos, um exemplo é a FENARTEC, o objetivo dessa descontinuidade é apagar as ações políticas para desqualificar os adversários políticos, com isso quem é prejudicada é a população.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, conversei com o senhor Abílio, da Diretoria de Relações Internacionais. O mesmo pontuou o quanto a descontinuidade política prejudica a população iguaçuense.

Precisamos implementar políticas públicas para evitar que governos subsequentes desfaçam ações de governos anteriores. Um exemplo é a própria extinção da Secretaria Municipal de Relações Internacionais, que possuía uma organização e era capaz de implementar políticas. Em uma gestão foi transformada em Diretoria, porque para prefeito da época a função das Relações Internacionais era apenas receber as autoridades internacionais que visitavam a cidade (entrevista senhor Abílio).

A fala do senhor Abílio é importante para que possamos compreender a

diferença entre diretoria e secretaria. Quando se tem uma secretaria instaurada, existem verbas destinadas especificamente para o desenvolvimento de políticas públicas para determinados fins vinculados a mesma. Também a estrutura de profissionais, técnicos, capacitados para o desenvolvimento da mesma, no caso um olhar para a comunidade de migrantes, apátridas, refugiados e transfronteiriços.

Durante a entrevista, perguntei para o senhor Abílio se o migrante é acolhido no município. O mesmo foi enfático ao responder: “-Não!”. Segundo o mesmo, ainda não se tem claro o que é migrante dentro do município, e que os ciclos econômicos dificultam essa identificação.

Abílio: “-Não temos políticas públicas estabelecidas para esse público, que as ações desenvolvidas se dão através da Casa do Migrante, da Secretaria de Direitos Humanos e da Secretaria de Ação Social, todas voltadas ao assistencialismo”

A legislação brasileira prevê a valorização da diversidade cultural no país, uma vez que o próprio Brasil é formado por diversidade étnica e cultural.

O Art. 216 da Constituição Federal de 1988, Incluído pela Emenda Constitucional nº 71, de 2012, institui um processo de gestão e promoção de políticas que visem a promover o desenvolvimento humano, social e econômico, promovendo o pleno exercício dos direitos culturais.

Art. 216-A. O Sistema Nacional de Cultura, organizado em regime de colaboração, de forma descentralizada e participativa, institui um processo de gestão e promoção conjunta de políticas públicas de cultura, democráticas e permanentes, pactuadas entre os entes da Federação e a sociedade, tendo por objetivo promover o desenvolvimento humano, social e econômico com pleno exercício dos direitos culturais (BRASIL, 1988).

Observa-se que o município necessita que seu poder legislativo atue a fim de implementar leis que atendam ao Art. 216 da Constituição Federal. Em 2021 surgiu a primeira, a Lei nº. 5.010/21, proposta por um vereador e sancionada pelo executivo. Essa instituiu a Semana do Migrante, que busca comemorar e conscientizar a população sobre a importância e a valorização do migrante. Todavia ainda é apenas o começo de um trabalho que já se faz tardio.

Muitas das secretarias de governo também desenvolvem ações para atendimento e recepção de migrantes, destacam-se os órgãos SMDHRC (Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Relação com a Comunidade), Ação Social, Secretaria Municipal de Administração, Diretoria de Relações Internacionais,

Fundação Cultural e SMED (Secretaria Municipal de Educação). Como coordenadora Pedagógica da SMED, tive a oportunidade de trabalhar em conjunto com os órgãos citados e com os representantes da Unila, essa com maior intensidade, mas também com a Unioeste e IFPR (Instituto Federal do Paraná) com algumas ações, com exemplo das que citamos a seguir.

3.1 Ações voltadas aos alunos migrantes no Ensino Fundamental I: levantamento de alunos migrantes, fluxograma e protocolo de atendimento

Como mencionado na introdução do trabalho, o elemento que motivou a presente pesquisa foi a observação das dificuldades enfrentadas pelo migrante em sua incorporação na sociedade local e, entre elas, na educação, mais precisamente o aluno migrante no Ensino Fundamental.

Considerando o exposto, discorreremos aqui sobre as ações voltadas para esses alunos, bem como o levantamento de dados, cujo objetivo era identificar e mapear as escolas que recebem esses alunos e identificar as nacionalidades para poder fomentar a criação de estratégias que possibilitem um atendimento de qualidade e equidade.

Também foi utilizado para construção deste capítulo a entrevista como metodologia, a fim de ouvir professores e pais de alunos migrantes, através do método qualitativo e informativo, já que para Miguel (2010), o objetivo desta metodologia não é delinear amostras representativas, mas explicar os critérios de escolha dos participantes envolvidos e o de entender os significados construídos a partir do contexto sociocultural de suas atividades cotidianas.

3.1.1 Projeto “Pedagogia de Fronteira”

O projeto “Pedagogia de Fronteira” foi iniciado pela UNILA no ano de 2016 e tem como objetivo a formação continuada de professores para o atendimento ao aluno migrante. O presente capítulo tratará acerca do referido projeto.

No ano de 2019 foi levantado o número de alunos migrantes, na pesquisa tivemos uma divergência de dados devido a alunos que são transfronteiriços, porque estes possuem documentação brasileira por terem nascido em Foz, mas vivem no Paraguai e mudam para o lado brasileiro no período letivo, ou até mesmo são

transfronteiriços. O levantamento de dados foi realizado através de um perfil sociolinguístico desenvolvido em parceria SMED e Unila, via equipe de pesquisa *Linguagem, Política, e cidadania*, coordenada pela professora Jorgelina Tallei e Laura Amato.

Foi constatado na época que tínhamos 610 alunos migrantes e transfronteiriços, além de 442 alunos com documentação internacional.

(...) nas 50 escolas municipais na cidade. A análise dos dados indicou a presença de 442 estudantes imigrantes matriculados nas séries iniciais da rede municipal de ensino de Foz do Iguaçu, oriundos de diversos países, com predominância de estudantes provenientes do Paraguai (307), Venezuela (33) e Argentina (25), conforme exposto nos Gráficos 2 e 3 (FOZ DO IGUAÇU, 2020).

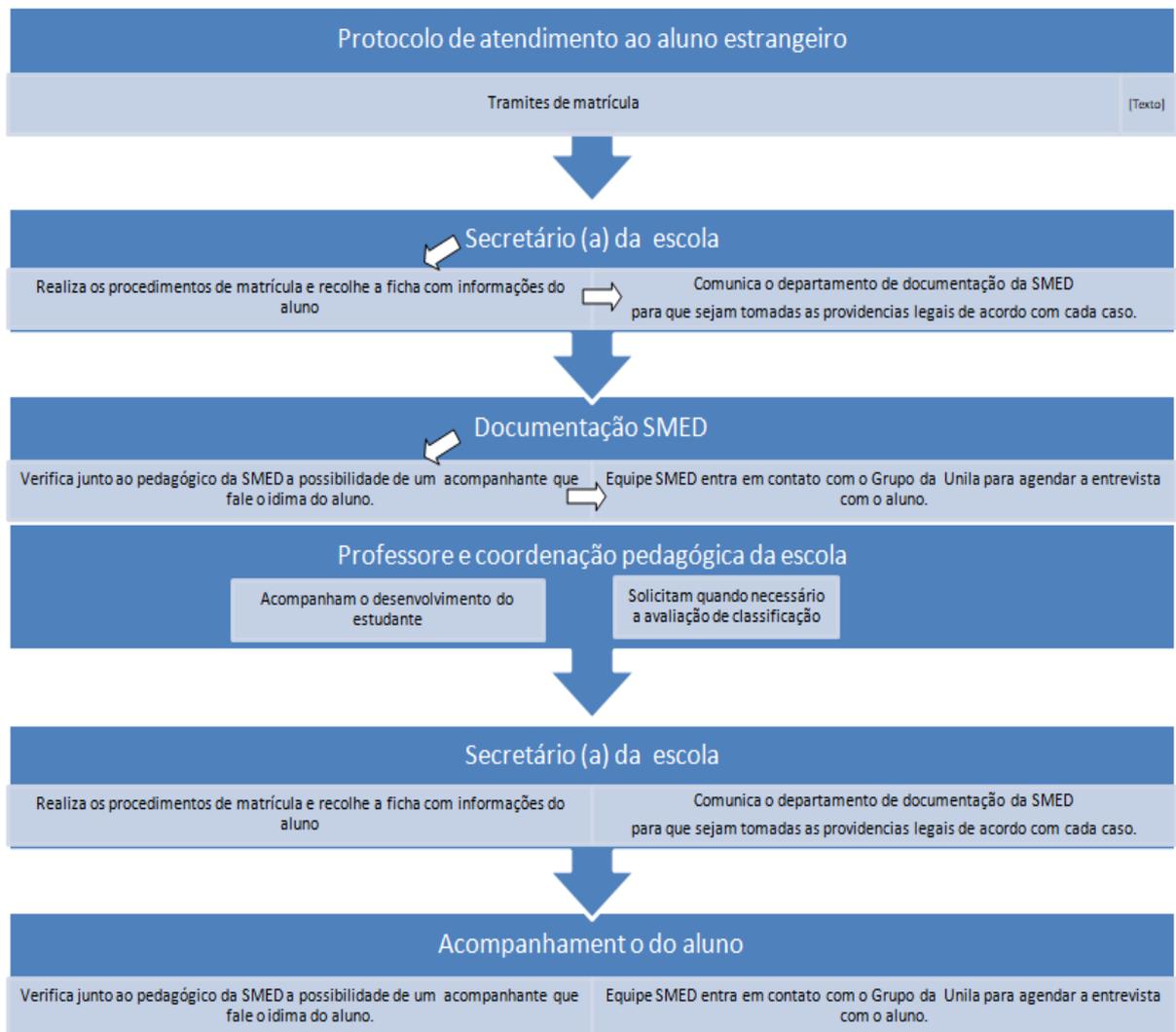
Um novo levantamento foi realizado em abril de 2022 e, com base nos documentos pessoais dos alunos que foram apresentados no ato de matrícula, o número de alunos imigrantes no Ensino Fundamental I é de 78 alunos. Entretanto, esse número atualizado é devido a cobrança para que os secretários das escolas municipais atendam o fluxograma desenvolvido.

O exercício do direito à educação por migrantes internacionais encontra respaldo na legislação brasileira, tanto na Lei de Migração (Lei n.º 13.445/2017), como em legislações anteriores, tais como na Constituição Federal (1988), no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - Lei n.º 8.069/1990), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei n.º 9.394/1996), assim como um amplo rol de Tratados Internacionais ratificados pelo país – como a Convenção sobre os Direitos da Criança.

Nos projetos pilotos de espanhol e inglês desenvolvidos nas escolas Arnaldo Isidoro de Lima e Irío Manganelli, foram atendidos um total de 130 alunos. No decorrente ano, o inglês foi implementado no município para atendimento regular para todos os alunos de 4º ano em 49 escolas da Rede Municipal, atendendo regularmente 2.134 (dois mil cento e trinta e quatro) alunos matriculados. O espanhol continua sendo desenvolvido em parceria com a Unila e o atendimento ocorre nas escolas: Parigot de Souza, Padre Luigi, Cecília Meirelesl e João XXIII, atendendo 130 (cento e trinta) alunos matriculados.

Também foi desenvolvido um fluxograma de atendimento, a fim de facilitar o atendimento feito pelos secretários de escola ao receberem os alunos migrantes.

Figura 1 - Fluxograma de atendimento



Fonte: A autora (2022).

O fluxograma acima tem o objetivo de melhor orientar a comunidade escolar acerca da matrícula de alunos migrantes. Isso se faz necessário uma vez que o migrante tem o direito ao serviço público prestado e este deve ser de fácil acesso e qualidade. O documento também é uma maneira de agilizar o atendimento de recepção desse aluno de forma menos traumática possível

Fazendo uma breve retomada, a metodologia utilizada para construção deste capítulo foi a entrevista no método qualitativo e informativo, já que para Miguel (2010), o objetivo desta metodologia não é delinear amostras representativas, mas explicar os critérios de escolha dos participantes envolvidos e o de entender os significados construídos a partir do contexto sociocultural de suas atividades cotidianas.

Portanto, as entrevistas tiveram o objetivo de ouvir pessoas que estão colocadas na área periférica da história e da geografia do município, que não são vistos como atores protagonistas da formação de opinião e de políticas, mas que constroem a história cotidiana e real dos migrantes na área de fronteira e, ao mesmo tempo, ouvir migrantes que participam da formação de políticas públicas no município.

A metodologia aplicada na pesquisa foi conversa norteada por duas perguntas bases: “Foz do Iguaçu é uma fronteira de Paz?” “Existe respeito a diversidade?”

Através dessas duas perguntas a entrevista fluía e os entrevistados demonstravam estar avontade para pontuar as situações vivenciadas.

Uma das pessoas entrevistadas foi a professora Joana, a mesma migrou para o município quando cursava o Ensino Fundamental I.

Ao entrevistá-la, pergunto: “ - Podemos dizer que moramos na fronteira da paz? Em Foz não existe conflito de etnias?”

Joana: “- *Fronteira de paz, não é, porque por eu ser paraguaia as pessoas riem e fazem piadinhas. Dizem que não tenho cara de xirua*”.

No ano de 2018, durante a conferência da ENPLEE (Encontro de Professores de Língua Espanhola do Estado do Paraná) ouvimos o depoimento emocionado de um pai chileno, estudante da Unila, contando que seus filhos, um da rede municipal e outro de rede estadual de ensino, sofriam bullying nas suas respectivas escolas por serem falantes nativos de espanhol, a dor da exclusão sofrida pela família que há pouco chegará no município foi transmitida pelo pai de forma a ser sentida por todos os presentes, muitos não contiveram as lágrimas.

É notório que com a migração fomentada por uma busca na qualidade de vida, as pessoas que passam por experiências constrangedoras, como os relatados pela professora Joana ou pelo pai participante da ENPLEE, não se sentem parte da comunidade.

Durante a pesquisa foram entrevistadas 5 pessoas⁴, uma refugiada do Kuwait; uma migrante do Paraguai; uma migrante de Curitiba, professora da rede municipal de Foz do Iguaçu; um migrante filho de refugiado; e uma apátrida. Todos são unânimes em dizer que Foz do Iguaçu não acolhe o migrante.

⁴ Importante esclarecer que os nomes dos entrevistados são fictícios para preservar suas identidades.

Quando questionados quanto à existência de conflito de etnias, obteve-se dois tipos de resposta.

Abílio: *“-Não, não existe conflito de etnias! O que ocorre é a falta de informação. Falta uma melhor comunicação para atendimento da população (refugiados, migrantes e apátridas).*

lolanda: *“Eu não sinto conflito, só preciso de documentação. Não consigo atendimento porque não tenho documentos”.*

lolanda é apátrida, não tem nacionalidade e luta por sua documentação, é uma pessoa sem instrução que necessita de atendimento público em todas as áreas, a falta de documentação é a justificativa que os atendentes lhe dão. Embora a resposta da lolanda seja negativa, ela passa por um tipo de conflito, porque por mais que busque documentação acaba não obtendo êxito.

Devemos ter como objetivo principal desta metodologia científica, a realização de entrevistas, a busca pela interação social que seja capaz de quebrar isolamentos grupais, individuais e sociais, podendo, também, servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática de informação, conforme aponta Miguel (2010).

Na entrevista com Valdete, podemos perceber quão importante é a pluralização de vozes para a interação de todos os sujeitos na construção de uma sociedade democrática.

A seguinte pergunta foi feita para os entrevistados: 1. Para você, existe preconceito ou conflito cultural, étnico e social em nosos município? Abaixo, seguem as respostas.

Valdete: *“ -Não vejo como conflito, vejo como preconceito. Exclusão! Fala-se de acolhimento, mas argentinos e paraguaios não são acolhidos. O Europeu e o americano são tratados diferentes, pelo capital que trazem para a fronteira. A população de Foz não tem contato com o turista, se concentram nos pontos turísticos onde a economia e a estrutura é adequada para esse público . A população de Foz convive com vizinhos e com os conflitos gerados pela convivência do cotidiano como trânsito, mercado e comércio da Vila Portes. Um exemplo é no trânsito ...Tinha que ser xirú...”*

Joana: *“- Existe conflito sim, eu senti isso desde que cheguei aqui, seja na escola, no comércio ou na saúde. Nos olham como estranhos, como seres de outro mundo.”*

Lurdes: *“- Existe! Quando uma mulher muçulmana entra no comércio, as brasileiras não querem atender.”*

Outro ponto levantado na pesquisa é sobre a região central da cidade, o foco está na cultura árabe ou asiático.

Joana: “- *Em Foz as coisas são voltadas para quem tem capital. A diversidade cultural é voltada para o público com capacidade financeira.*”

Outro ponto redundante é muitos prestadores de serviço e funcionários públicos que atendem esse público não estão preparados devido a falta de política pública que consolide esse atendimento.

Dois depoimentos são importantes para verificarmos as condições do migrante, o do senhor Abílio e o da senhora Joana, pois esses ilustram duas realidades migratórias, a muçulmana e de latinos americanos.

Abílio: “-*A Comunidade Árabe migrou para Foz do Iguaçu migrou em 1956, vindos da Argentina. Sendo a primeira imigração sunita, Kamalito, Omaire...entre os anos de 1956 até 1970. Os árabes casaram com brasileiras para se integrar à comunidade.*

Meu pai veio para o Brasil em 1960, chegou em São Paulo, depois foi para o Rio Grande do Sul, Marechal e estava como comércio estabelecido em Barracão quando escuta que têm árabes que estão prosperando em Foz do Iguaçu. Ele carrega a mercadoria do comércio, pega nossa família e vem pra Foz no auge da Itaipu. Aqui nos estabelecemos e estamos até hoje integrados à comunidade iguaçuense. “

Por sua vez, a senhora Joana explica que:

- *Fui alfabetizada no PY, educação rígida, onde se falava espanhol e guarani, se falar o português recebia reguada nos dedos.*

Vimos ao Brasil em busca de condições melhores, ao chegar no Brasil foi colocada na 2º série, me sentia um bichinho, era a diferente. No Paraguai cursava o terceiro grado. Na minha primeira semana a professora fez um ditado ilustrado, era a figura de uma bola e eu escrevi pelota. A professora leu em voz alta e mandava que eu repetisse o que estava havia escrito, ela e os alunos riam de mim. Essa cena nunca saiu de minha mente, chorei por uma semana e não queria mais voltar à escola, minha mãe foi conversar com a coordenação pedagógica e eu fui transferida para o 1º ano para ser alfabetizada em português. Esse fato marcou minha vida e até hoje não consigo fazer nenhum curso de idioma, tenho trauma de falar outro idioma frente a outras pessoas.

O relato dos dois nos fazem perceber que a própria organização da comunidade é um diferencial na adaptação dos migrantes, os muçulmanos possuem uma organização, inclusive com colaboração mensal (mensalidade).

Os demais migrantes necessitam de um olhar diferenciado e acolhedor por parte dos servidores públicos. A experiência da Joana é o exemplo disso:

Quando cheguei na turma nova, de 1º ano, a professora me acolheu, me fez ver que não era um bicho de outro planeta, que eu era importante, que meu

idioma era importante. Ela mudou minha vida. Desde então tive a sorte de ter tido bons professores, que me respeitaram e contribuíram para meu crescimento. Cursei o Ensino Fundamental I na Escola Municipal Jorge Amado, o Ensino Fundamental II e Ensino Médio no Colégio Ipê Roxo e a graduação, pós graduação e mestrado na UNIOESTE.”

Enquanto professora vejo que esse olhar de acolhimento, inclusão e respeito para o migrante depende do professor, da sua formação, quando o mesmo não tem em sua base cabe a formação continuada para poder sanar essa lacuna.

Por mais que seja uma cidade de fronteira os turistas falantes de espanhol não tem o mesmo atendimento dos falantes de inglês os funcionários da hotelaria não são preparados para atender, falo isso porque tenho pessoas próximas que trabalharam no setor.

Na saúde também, as pessoas não são preparadas para atender um falante de espanhol ou que necessite de atenção diferenciada, tenho uma aluna de família muda, ela é a única falante da família, sempre que os familiares precisam de atendimento de saúde ela tem que perder aula para acompanhar e mediar a comunicação.

A conclusão que temos é a necessidade de compreender os significados dos comportamentos dos entrevistados e suas experiências, também reconhecer os limites desta compreensão, a fim de perceber se as experiências afetaram o modo como elas foram executadas.

Portanto, percebemos que a história oficial divulgada através de materiais publicados pelo governo municipal de Foz do Iguaçu necessita ser revisionada, e dar uma maior ênfase aos atores migrantes colocados na estrutura periférica, principalmente os paraguaios, que tanto contribuíram e contribuem para a formação da sociedade iguaçuense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o colonialismo do poder, descrito por Quijano (2007) é latente desde o período de colonização e, em pleno século XXI, ainda é sentido na comunidade iguaçuense, conforme observamos no decorrer da história do município. Os pioneiros imigrantes de origem europeia tiveram maiores condições de trabalho e qualidade de vida desde a distribuição dos primeiros lotes de terra da colônia. Os povos indígenas e paraguaios foram colocados em posição geográfica e social periférica.

Ações como o PIEF (Projeto desenvolvido pelo governo Federal - Projeto Internacional de Escolas de Fronteira), não descrito no trabalho, mas que buscava a integração das cidades gêmeas de fronteira através da educação, a fundação da Unila - Universidade de Integração Latina Americana, a criação dos protocolos supracitados, a formação continuada de docentes do ensino fundamental I e a implementação das aulas de idioma na rede municipal de Ensino, não é o suficiente.

Para que o alunos migrantes possam integrar de fato a comunidade escolar, eles e as famílias precisam de auxílio na comunicação, nos trâmites documentais que incluem também a carteira de vacinação e, conseqüentemente, a saúde, bem como muitos refugiados não possuem documentos pessoais, o que envolve os setores de documentação (Polícia Civil e Federal), muitos também apresentam necessidade de atendimento pelas secretarias de Ação Social, Direitos humanos, Diretoria de Relações Internacionais, enfim, precisamos de um setor de Municipal que possa desenvolver esses trâmites e auxiliar o migrante ou refugiado.

Somente quando os refugiados, migrantes e apátridas tiverem de fato acesso a documentação, saúde, educação, segurança e vida digna, poderemos falar em uma fronteira de paz.

O Comitê Municipal de Atenção aos Migrantes, Refugiados e Apátridas no Município de Foz do Iguaçu, instituído pelo Decreto nº. 27.094, de 27 de março de 2019, é um importante passo na construção de políticas públicas, mas precisa ser consolidado para sua real efetivação. O migrante, em pleno século XXI não pode continuar em situação de vulnerabilidade, sendo estas já identificadas e comprovadas através de pesquisas e dados publicados. Estando em território brasileiro, essa população tem que ter garantido os direitos fundamentais instituídos pela Constituição Federal bem como ter respeitado a Lei do Migrante, nº. 13.445/17.

Foz do Iguaçu é uma cidade formada por migrantes, a população iguaçuense necessita ter o slogan's "*Diversidade nosso patrimônio*" e "*Fronteira da Paz*" concretizados.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, podemos estar atuando junto ao governo municipal na melhoria do atendimento ao migrante, participando direta ou indiretamente em ações, como: Protocolo de Atendimento do Aluno Migrante, Cartilha de Atendimento ao Migrante (revisão), Materiais didáticos da Secretaria Municipal de Educação, Migracidades e Semana do Migrante. A colaboração e a integração de órgãos governamentais em conjunto com a universidades Unioeste e, principalmente, a Unila que fomenta ativamente a questão migratória tem alcançado objetivos nunca vistos no município, porém é apenas o início de um trabalho para que políticas públicas sejam não só implementadas, mas sim consolidadas.

REFERÊNCIAS

ALI, Jihad Aboul. **Entrevista I**. [jan. 2022]. Entrevistador: Liane Moisinho Frois Chichoski. Foz do Iguaçu, 2022. 1 arquivo .mp3.

AMOP; Associação dos Municípios do Oeste do Paraná. **Proposta pedagógica curricular: ensino fundamental (anos iniciais)**. Cascavel: Ed. Do Autor, 2020.

ANUNCIAÇÃO, Renata Franck Mendonça de. A língua que acolhe pode silenciar? Reflexões sobre o conceito de 'português como língua de acolhimento'. In: BIZOB; DINIZ (Orgs.) Dossiê Especial: **Português como Língua Adicional em contextos de minorias**: (co)construindo sentidos a partir das margens. Revista X. Curitiba. 2018, p. 35-56.

ATARI, Sarah. **Entrevista II**. [fev. 2022]. Entrevistador: Liane Moisinho Frois Chichoski. Foz do Iguaçu, 2022. 1 arquivo .mp3.

BRITO, José Maria de. **Descoberta de Foz do Iguaçu e fundação da colônia militar**. Curitiba: Travessa dos editoras, 2005.

CAMINO, Alejandro. **El gran camino de Peabirú**: El renacimiento de una antigua ruta de integración sudamericana. Disponível em: <<https://peregrinadanza.wordpress.com/2017/07/06/el-gran-camino-de-peabiru-el-renacimiento-de-una-antigua-ruta-de-integracion-sudamericana/>> Acesso em 14 jun. 2022

CARUSO, Raimundo. **Desafios de Foz do Iguaçu**. Florianópolis: Ofício, 2011.

CASTRO-GOMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. **El giro decolonial**: reflexões para uma diversidade epistêmica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.

CATTA, Luiz Eduardo Pena. **O cotidiano de uma fronteira**: a perversidade da modernidade. Cascavel: Edunioeste, 2002.

CHICHOSKI, Alessandro Luiz. **Integração e cooperação policial no combate aos crimes transnacionais no âmbito da segurança internacional da América do Sul**. Dissertação (Mestrado em Integração Contemporânea da América Latina) – Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política, Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foz do Iguaçu, 2020, 93 p.

CORDEIRO RIBEIRO. S. B. Políticas Linguísticas e Ensino De Língua(S) De Fronteira Na Escola. **Organon**, Porto Alegre, v. 32, n. 62, 2017. DOI: 10.22456/2238-8915.72274. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/72274>. Acesso em: 14 jun. 2022.

CORREA, Valdir. **Caminho do Peabiru**: Um resgate cultural para o turismo. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e sociedade). Universidade da região de Joinville – UNIVILLE. Joinville, 2010, 85 p.

DOS SANTOS, Thais Fernanda dos Santos.. **Entrevista III**. [mar. 2022]. Entrevistador: Liane Moisinho Frois Chichoski. Foz do Iguaçu, 2022. 1 arquivo .mp3.

FOZ DO IGUAÇU, Prefeitura. **Protocolo de acolhimento de estudantes imigrantes na rede municipal de ensino**. Foz do Iguaçu: Secretaria Municipal de Educação – SEED, 2020.

GIULIAN, Jorge da Silva. **Controle na Tríplice Fronteira: análise crítica do uso repressivo dos aparelhos de controle social**. Curitiba: Íthala, 2017. LIMA, Perci. **Foz do Iguaçu e sua história**. Curitiba: Serzegraf, 2011.

LUDWIG, Fernando José; BARROS, Luciano Stremel (Orgs.). **(Re)Definições das fronteiras: desafios para o século XXI**. Foz do Iguaçu: Editora Idesf, 2019.

MARKUN, Paulo. **Cabeza de Vaca**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MORINIGO, Isabel Ferreira. **Entrevista IV**. [abr. 2022]. Entrevistador: Liane Moisho Frois Chichoski. Foz do Iguaçu, 2022. Por telefone.

OLIVEIRA, Nara. **Foz do Iguaçu Intercultural: cotidiano e narrativas da alteridade**. Foz do Iguaçu: Epígrafe, 2012.

PUH, Mila; CAMARGO, Katia Gavranich. **“Ver o Invisível”**: patrimônio da imigração croata em São Paulo. In: Revista de Estudos Interdisciplinares. Dossiê: História, Memória, Patrimônio e Identidade, 2014.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade del poder y clasificación social. In: QUIJANO, Anibal. **Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder**. Buenos Aires: Clacso, 2014

REPETTO, Maxim. **O conceito de interculturalidade: trajetórias e conflitos desde América Latina**. In: Revista de Ciências Humanas da Universidade Federal de Roraima. v. 2 n. 33, 2019. DOI: <https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v2i33.5986>

SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia Aparecida de; SILVEIRA, María Laura (Orgs.). **Território, Globalização e Fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1998.

SCHIMMELPFENG, Ottilia. **Retrospectos iguaçuenses: narrativas históricas**. Foz do Iguaçu, Tezza Editores, 1991.

SILVA, Micael Alvino da. **Breve História de Foz do Iguaçu**. Foz do Iguaçu: Epígrafe, 2014.

SOUZA, Susyane Katlyn Thum de. **Entrevista V**. [abr. 2022]. Entrevistador: Liane Moisho Frois Chichoski. Foz do Iguaçu, 2022. 1 arquivo .mp3.

TALLOI, Jorgelina Ivana. **La dimensión política e intercultural em la formación permanente de docentes que actúan em escuelas de frontera: análisis del programa “Pedagogia Intercultural” de la UNILA**. Tese (Doutorado Latinoamericano: Políticas Públicas y Profesión Docente). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2019, 265 p.

VARGAS, Fábio Aristimunho. **Formação das fronteiras latino-americanas**. São Paulo: Fundação Alexandre de Gusmão, 2017.

WACHWICZ, Ruy Christovam. **Obrageros, mensus e colonos: história do oeste-**

paranaense. Curitiba: Ed. Vicentina, 1982.

WINKE, Larissa Jaiana. **Entrevista VI**. [abr. 2022]. Entrevistador: Liane Moisinho Frois Chichoski. Foz do Iguaçu, 2022. 1 arquivo .mp3.